

Vivenciando o ensino do desenho em perspectiva: um estudo de caso

O fazer desenho em perspectiva à mão livre exige do desenhista algumas habilidades e conhecimentos específicos para conseguir representar graficamente objetos no plano. Nos itens anteriores vimos a importância de o designer representar imagens o mais próximo possível da realidade para que se faça entender pelo cliente, geralmente leigo nesta área.

Espera-se deste profissional o domínio em representar as imagens criadas em sua mente ou existentes em seu entorno visto a olho nu, ou seja, que ele saiba reproduzir as características estruturais do que ele vê ou cria.

Em se tratando de criação percebemos nas disciplinas de Projeto do curso de Bacharelado em Design de Interior da Faculdade Boa Viagem, que o aluno que tem noção de perspectiva linear consegue ser mais criativo em seus projetos do que aquele que não sabe se comunicar através do desenho em três dimensões. O aluno que não sabe desenhar em perspectiva geralmente projeta o básico devido a esta limitação.

Sabendo desta necessidade a disciplina de Desenho Artístico do referido curso tem por objetivo apresentar aos alunos os primeiros passos para o desenvolvimento da terceira dimensão.

Por esta disciplina passaram aproximadamente 180 alunos, no período entre 2006 e 2011. Os desenhos das Figuras 17-a e 17-b mostram o nível em que se encontrava a maioria dos alunos que chegaram ao curso, não muito diferente dos desenhos da criança apresentados na Figura 10.

Esta dificuldade que os adultos têm para com o desenho é explicada por Edwards (2005) quando diz:

No mundo Ocidental, a maioria dos adultos não progride em aptidão artística muito além do nível de desenvolvimento atingido aos nove ou dez

anos de idade. Na maioria das atividades físicas e mentais, as aptidões de uma pessoa mudam e se desenvolvem à medida que a pessoa atinge a idade adulta: é o caso da fala e da escrita, por exemplo. O desenvolvimento da aptidão para o desenho, porém, parece deter-se inexplicavelmente na infância da maioria das pessoas.

Concluindo em seguida: “é porque a aptidão para o desenho não é crucial para a sobrevivência em nossa cultura, como são a fala e a leitura”.

Os desenhos selecionados e mostrados nas Figuras 17-a e 17-b são considerados o “Antes”, é o primeiro exercício pedido aos alunos na primeira aula para termos uma ideia do nível em que se encontram em termos de representação tridimensional.

Nesta aula não é dado nenhum assunto teórico sobre as características convencionais de desenho. É pedido ao aluno que desenhe de memória um ambiente qualquer de sua residência. A relutância em fazê-lo é grande, mas estimulamos os alunos para que eles desenhem este ambiente como se estivessem entrando nele e tentem representar o mesmo como em uma fotografia. Em nenhum momento é pronunciada a palavra perspectiva, mas sugerimos que eles desenhem também as paredes, o teto e o piso.

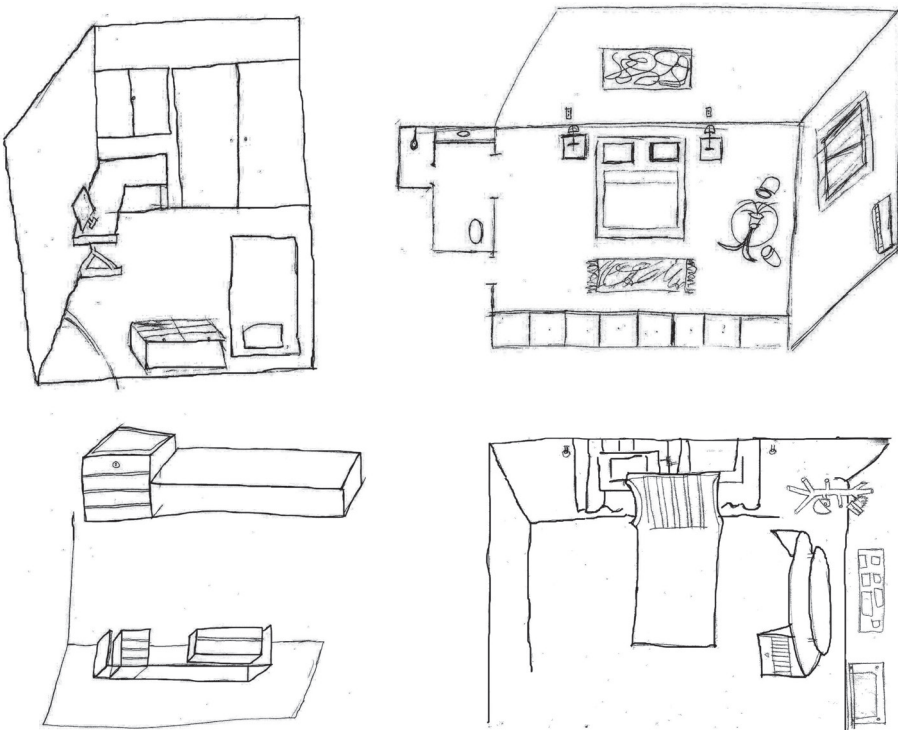


Figura 17-a

A grande maioria dos alunos utiliza-se da representação cavaleira para representar o espaço. Outros, não conseguindo representar as alturas e as fugas das linhas paralelas, desenharam as vistas ortogonais e plantas baixas do ambiente.

Outra característica observada é a tentativa de desenhar os quatro planos do espaço arquitetônico e, como obviamente não conseguem, desenharam a vista que está atrás do observador de cabeça para baixo.

Os desenhos a seguir – Figura 17-b – representam uma pequena parcela do total de alunos citados. Aproximam-se melhor da perspectiva linear, porém vale salientar que estas alunas chegaram ao curso com algum conhecimento de desenho adquirido em outros cursos de Design ou similares.

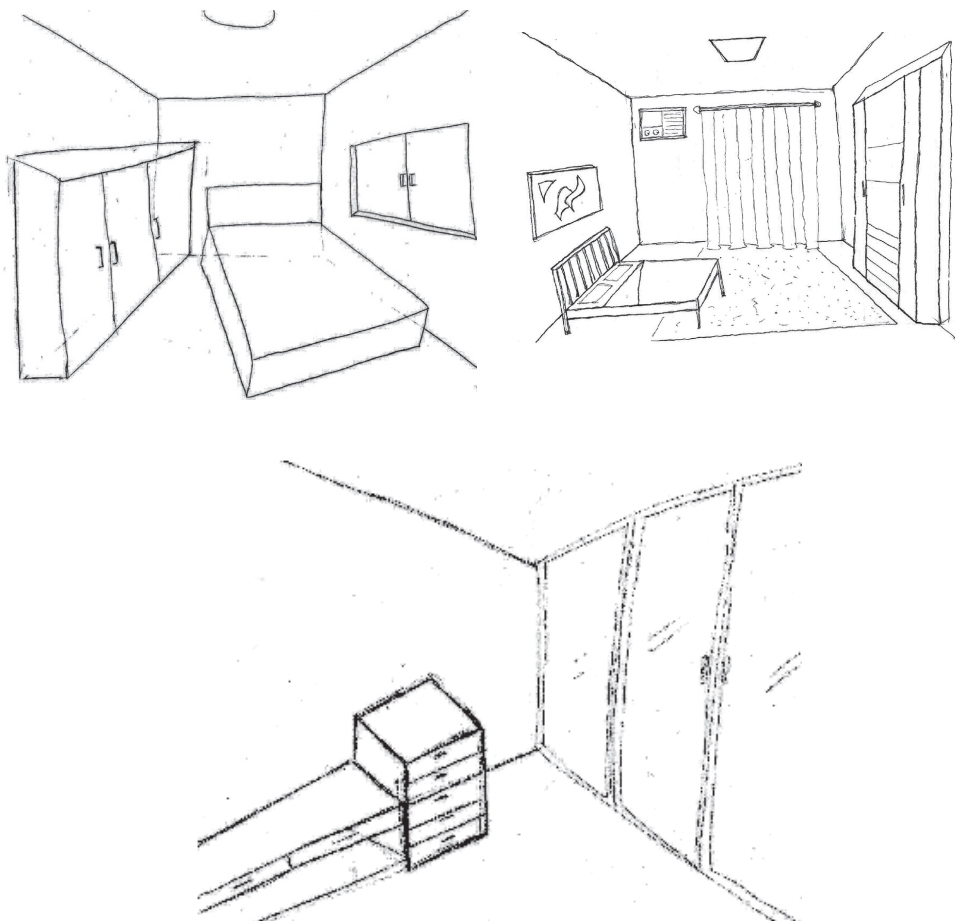


Figura 17-b

6.1 Plano de ensino

Como dissemos no início deste capítulo, no processo de ensino-aprendizagem adquirido nos últimos cinco anos, percebemos que a representação da terceira dimensão, segundo a proposta de Fellipo Brunelleschi (1377-1446), pode ser apreendida satisfatoriamente através do domínio de dois processos: percepção da forma e habilidade manual. Para atingirmos este objetivo nosso plano de ensino consistiu em 25% de teoria e 75% de exercícios práticos, sendo a prática a maior parte por entendermos que só se aprende a desenhar com a prática do desenho, porém embasados em alguma teoria. Os alunos desenvolveram trabalhos em sala de aula e levaram trabalhos para serem desenvolvidos em casa.

Nossa metodologia pode ser resumida basicamente nos três blocos a seguir:

1º. Bloco: desconstrução da forma

Neste bloco trabalhamos a desconstrução de desenhos para que o aluno enxergue a forma independente de qual seja o objeto. Com auxílio do desenho de observação fazemos o processo inverso do que foi feito pelo artista: desenhamos primeiro o entorno (fundo) para obtermos o objeto principal.

Alguns desenhos são feitos de cabeça para baixo como sugere Edwards (2005) e outros com o auxílio do quadriculado, pois notamos que estes métodos auxiliam os alunos a perceberem a direção das linhas, suas inclinações, proporções e a dominarem a representação de ângulos mais abertos ou mais fechados.

Trabalhamos com o desenho realista¹ seguindo os passos dos grandes mestres como Van Gogh (1853-1890), Picasso (1881-1973), Cândido Portinari (1903-1962), ou Salvador Dali (1904-1989), que dominaram esta técnica antes de adotarem um estilo próprio. O desenho realista proporciona ao aluno o desenvolvimento analógico e concreto, senso de proporção, noções de espaço, volume e planos (HALLAWELL, 1994).

2º. Bloco: teoria

Paralelo aos exercícios práticos, damos aos alunos um suporte teórico ilustrado com estudos de caso. A disciplina de Desenho Artístico é dada em um total de 60 horas; em uma aula de 4 horas por semana, 60 minutos são dedicados à teo-

1 Por desenho realista consideramos aquele que se aproxima ao máximo da realidade em termos de proporção, volume, representação de luz e sombra, seja em preto e branco ou colorido, não sendo necessariamente os desenhos desenvolvidos durante o movimento artístico e literário de mesmo nome, surgido nas últimas décadas do século XIX na Europa.

ria, onde são vistos assuntos pertinentes às técnicas de desenho, como: variação tonal, luz e sombra, tipos de traço, técnicas de pintura com lápis de cor, hidrocor e pastel, rendering à mão livre – onde se estuda a técnica de representar textura de madeira, vidro, metal e tecido, além de noções de perspectiva.

3º. Bloco: perspectiva linear com um ponto de fuga

Aqui os alunos aprendem a desenhar perspectivas de interior com um ponto de fuga a partir das vistas ortogonais do ambiente proposto como mostram os exercícios a seguir:

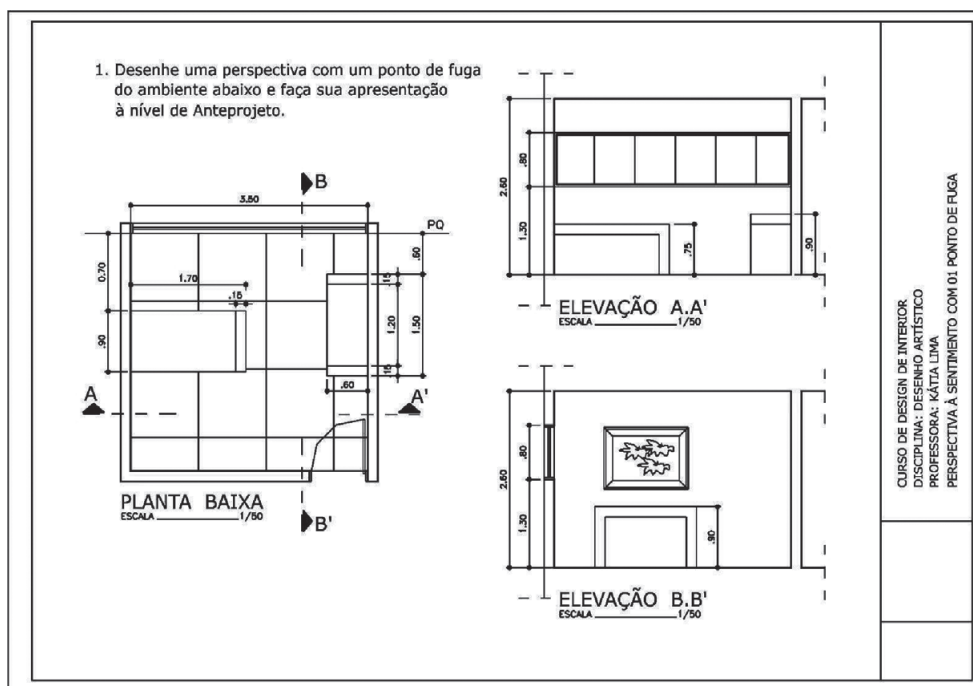


Figura 18 Exercícios propostos: plantas baixas e elevações para a confecção das perspectivas. (continua)

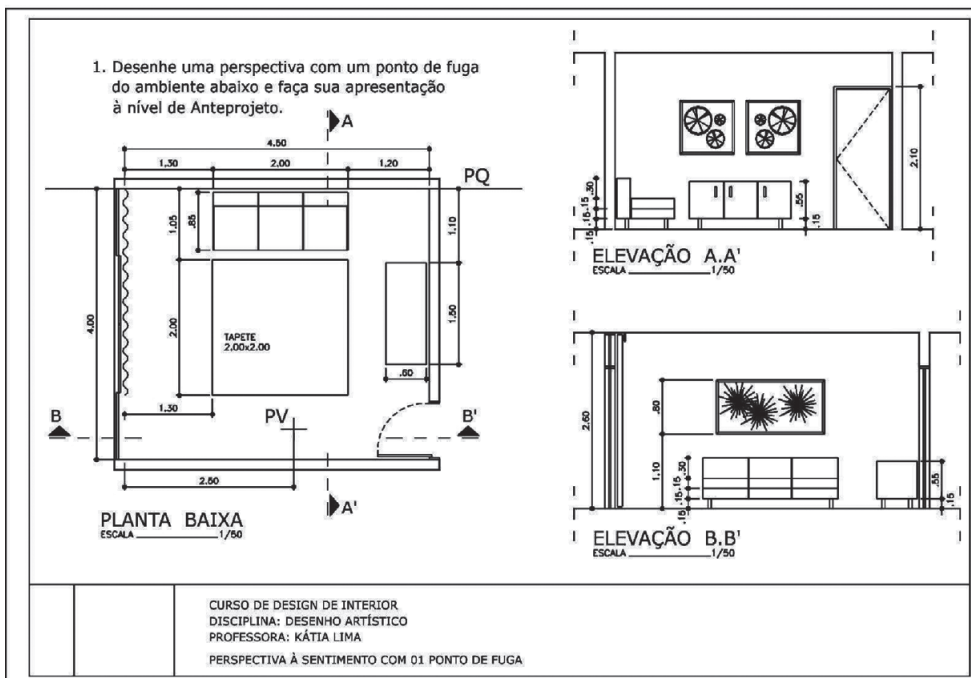
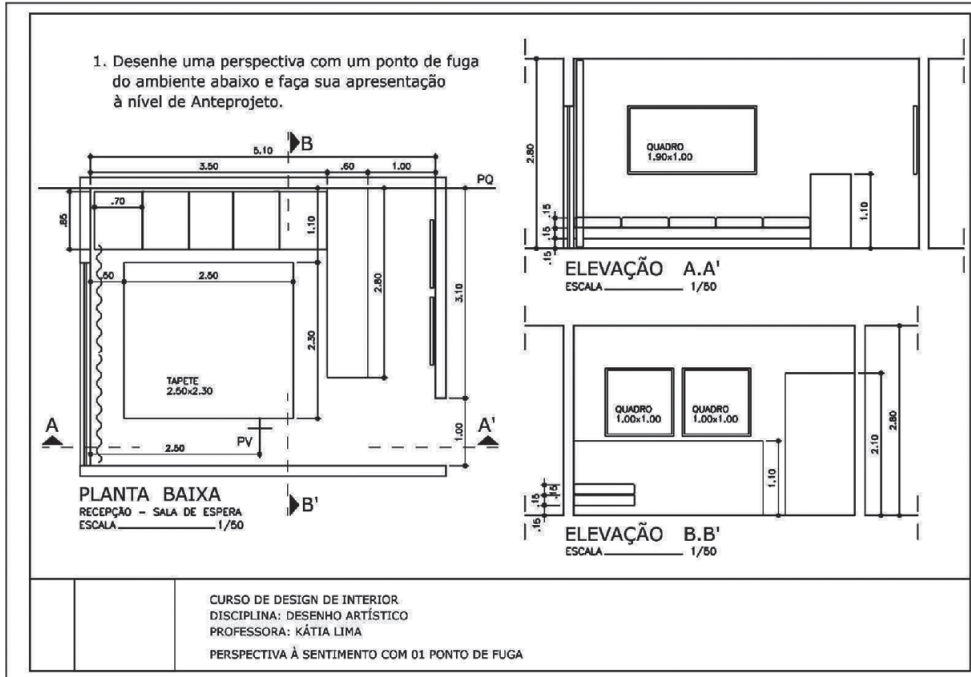


Figura 18 Exercícios propostos: plantas baixas e elevações para a confecção das perspectivas. (continuação)

Antes de chegarmos a esta etapa, porém, fazemos exercícios transitórios de desenho de observação com imagens que induzem o aluno à percepção das características da perspectiva: convergência, encurtamento e diminuição. De posse destas informações partimos para o aprendizado da perspectiva de interior com um ponto de fuga desenvolvida a instrumento e renderizada à mão livre.

O resultado desta didática em porcentagem é a seguinte: 5% dos alunos precisariam de mais horas aulas para atingir o nível almejado, 15% aprenderam algum conceito e 80% conseguiram um bom rendimento como nos mostram as Figuras 19-a, 19-b e 19-c, denominadas “DEPOIS”.



Figura 19-a Perspectivas desenvolvidas a partir dos exercícios da Figura 18, após apreensão da didática aplicada.



Figura 19-b Perspectivas desenvolvidas a partir dos exercícios da Figura 18, após apreensão da didática aplicada.

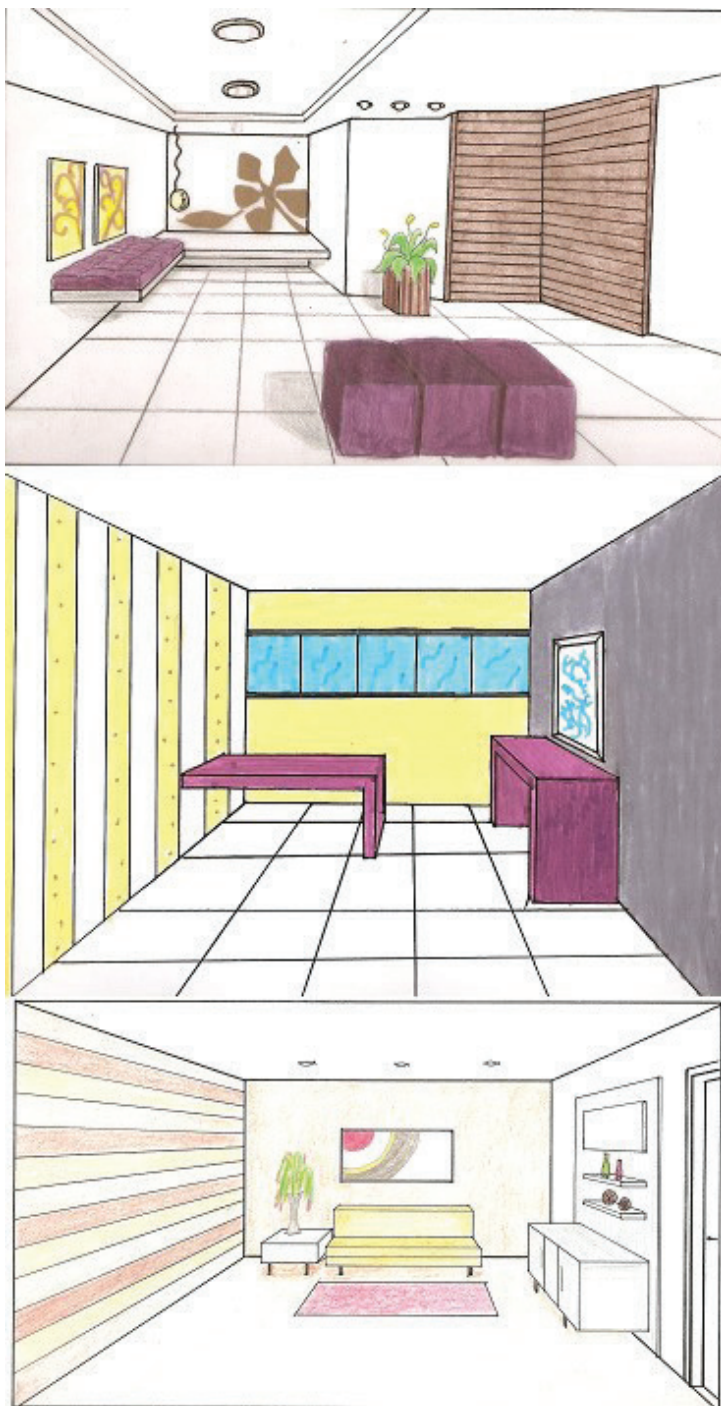


Figura 19-c Perspectivas desenvolvidas a partir dos exercícios da Figura 18, após apreensão da didática aplicada.

